

ESTADO DE SÃO PAULO *Conversão tardia*

O ex-presidente José Sarney está encantado com a Europa e o Primeiro Mundo. Esteve lá e maravilhou-se com o que lhe foi dado ver. Por isso prevê que no Velho Mundo este final de século será de "anos dourados". Indo mais longe, acrescenta que ouviu falar "nas fronteiras do Paraíso". O panorama que descortinou o leva a uma espécie de confiança ao leitor de texto que acaba de assinar: "As tensões caíram. O perigo nuclear afasta-se e a questão do meio ambiente se equaciona. O mundo não morrerá mais. E as gerações futuras, corpo do corpo das atuais, continuarão a aventura humana". Uma lição para ninguém pôr defeito — e lançada em irretocável estilo acadêmico.

O problema é saber de que Sarney se trata. De um convertido ao Primeiro Mundo? Não há dúvida. Tanto que, adiante, ele indaga, revelando intranquilidade: "E nós da América Latina, onde vamos ficar? (...). Leio que neste mundo de desgraças México, Argentina e Chile mostram sinais de em futuro próximo

criar uma espécie de capitalismo do Primeiro Mundo". É o caso de dizer que nem seria preciso ler, pois até os analfabetos ouvem sobre o que ocorre ao redor e se dão conta de que o Brasil está perdendo, para usar expressão a que recorreu o ex-presidente, "o comboio da história". José Sarney informa: "O trem passa e não volta". Já se sabia disso.

Em que medida terá ele ajudado esse trem a passar para não voltar? Seguramente, em larga medida. O presidente José Sarney foi um extremado terceiro-mundista. A memória do público é curta. Vale a pena refrescá-la com a recordação de algumas posições passadas do ilustre articulista. Em 1989, advogando a volta de Cuba à Organização dos Estados Americanos (OEA), ele afirmou, criticando a ordem econômica internacional: "Tornamo-nos agentes de um Plano Marshall às avessas; estamos financiando, em última instância, o consumismo dos países desenvolvidos". O presidente José Sarney decretou a moratória da dívida externa; e na

28 OUT 1991

Organização das Nações Unidas (ONU), há dois anos, reclamou da "lentidão e apatia" dos países desenvolvidos na busca de solução para o problema da dívida. O que não o impediu de, em seu primeiro programa *Conversa ao Pé do Rádio* de 1988, adiantar que o Brasil ingressava naquele ano promissor "melhor do que a maioria dos países ricos", já que em 1987 acusara taxa de crescimento da ordem de 4%! Na China, em julho de 1988, lembrou que Brasília e Pequim possuíam posições internacionais coincidentes, a ponto de convergirem em 95% nas questões postas à prova nas Nações Unidas.

A primeira condição para ingressar no Primeiro Mundo será sempre aproximar-se dele. Ou será que existe alguém suficientemente ingênuo para supor que, dando-lhe caneladas, ele virá até aqui e se porá à disposição do Brasil? Integrar o Primeiro Mundo deve ser objetivo nacional. Mas como alcançá-lo pela exploração do terceiro-mundismo? A conversão do ex-presidente é tardia.